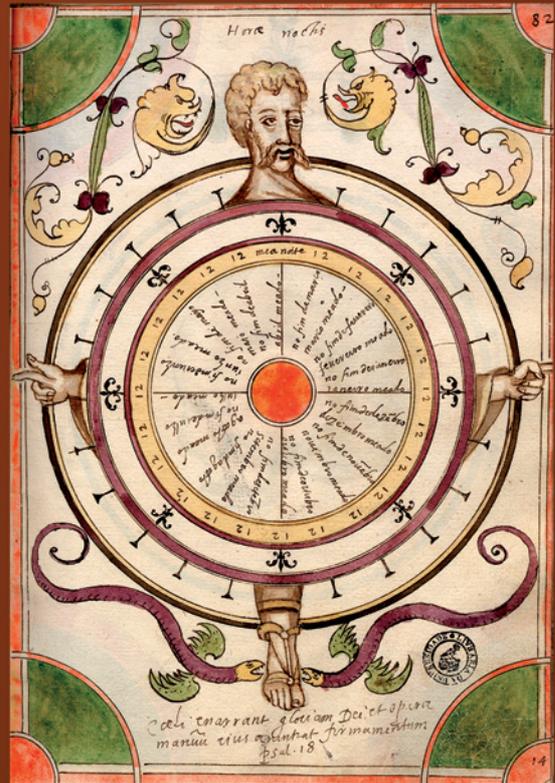


R

evista de História da Sociedade e da Cultura



Centro de História da Sociedade e da Cultura
Universidade de Coimbra

EDITORIAL

Dizem alguns economistas, num tentame de encontrar soluções para a gravíssima crise financeira e económica de hoje, que não basta introduzir, no sistema, maior liquidez bancária e mais estímulos ao investimento. Também é necessária uma liderança à escala mundial, o que parece ter faltado em 1929.

Continuarão os Estados Unidos da América a assumir a autoridade suprema ou a soberania que, sob a forma de governo único ou “Império”, tem gerido, ultimamente, o processo de globalização e acabou por estabelecer uma nova ordem mundial? Entre outros, Michael Hardt e Antonio Negri opinaram que o século XX foi o século dos E.U.A., por terem assumido um destacado protagonismo num “Império”, sem fronteiras terrestres ou desterritorializado, mas extremamente inter-conexo, e que, sobremaneira, ajudaram a construir e a preservar. Por outras palavras, defendem que os E.U.A. “não constituem o centro de um projecto imperialista e, na realidade, nenhum Estado-nação pode hoje fazê-lo”, porque “o imperialismo acabou” (*Império*, trad. Portuguesa, Lisboa, Editora Livros do Brasil, 2004, p. 14).

Ao contrário, portanto, dos antigos Impérios, designadamente dos Ultramarinos “modernos” (sem esquecer, obviamente, o Português), em que a definição ou demarcação de fronteiras (veja-se a implantação de “padrões”) e a pretensa unidade das etnias, das culturas ou das religiões eram objectivos vitais, o Império “pós-moderno” compraz-se nas diferenças e alimenta-se das “várias paisagens” que o mercado mundial proporciona ao capital, tirando partido do papel do *marketing*. Foi assim? É e será assim? Por outras palavras, a homogeneidade lida bem com a diversidade? Mais: necessita dela?

É sabido que é, à escala do micro, que a espontaneidade, a variedade e a diversidade mais têm oportunidade de fugirem à massificação, à homogeneidade, ao contínuo, o que, por norma, não se traduz numa irremediável perda de coesão interna. A família ou a aldeia, por exemplo, como micro unidades sociais, apresentam-se com elementos distintos ou diversos, mas que patenteiam interioridades ou solidariedades fortes que contra-agem à desagregação, à descontinuidade.

Porém, isolado ou separado, o micro atrofia-se; cai no irracional e no absurdo. Sem o determinar, sem escamotear a singularidade própria do micro, é desejável e salutar que o macro o envolva, o penetre, o regule e contradiga nas suas ambiguidades.

Da aldeia ao Império (moderno ou pós-moderno) e do Império à aldeia – eis o percurso variado e multifacetado que a Humanidade mais tem trilhado no seu devir histórico. Com vantagens e desvantagens, necessariamente.

Neste número da “*Revista de História da Sociedade e da Cultura*”, aflora a perspectiva teórica e documenta-se a casuística das relações entre as duas escalas enunciadas pelo que haverá, nele, bastantes motivos de interesse para o leitor.

João Marinho dos Santos

Coordenador Científico do C. H. S. C.